

AMADZONES

DULCILEIDE V. DO NASCIMENTO

“A grande pergunta que jamais foi respondida, e que eu não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos pesquisando a alma feminina, é: o que uma mulher quer?”

Sigmund Freud

Certos mitos gregos transformaram o elemento feminino em imagens obscuras e perigosas que povoaram, e ainda o fazem, o imaginário mundo dos sonhos dos mortais. Não é somente Freud que tenta entender o diversificado mundo feminino, principalmente a sua *psyche*. Mas, ainda continua nos assustando quando mulheres, ao transgredirem a chamada ordem masculina - estamos aqui falando das mulheres gregas, principalmente daquelas que viveram segundo um padrão do cidadão ateniense - criam um mundo às avessas e, ao se tornarem uma visível ameaça para qualquer mundo denominado “civilizado”, são exterminadas; delas temos pequenas imprecisões, como as de um espetáculo acabado, do qual não vimos todas as cenas. Estamos falando das Amazonas.

Pouco conhecemos sobre essa raça de mulheres guerreiras que já trazem na sua origem a relação conflituosa entre a aceitação do ser mulher e a não aceitação do subjugo masculino. Segundo a tradição, as primeiras Amazonas teriam nascido da união de Ares, deus da guerra, com a ninfa Harmonia (nome que, segundo Junito Brandão¹, teria sua origem no verbo ἀρᾰρίσκειν (araris-kein), “ajustar, adaptar” de onde provém o substantivo ἄρμα (hárma), cujo sentido é carro, em particular carro de guerra ou de corridas com cavalos atrelados; portanto, ἁρμονία (harmonia), “cavilha” (peça de madeira que serve para juntar ou segurar madeiras), significa, etimologicamente falando, “o acordo, a junção das partes”. Podemos então dizer, que as Amazonas são aquelas que foram unidas para combater, lutar; mas contra o quê? Talvez contra tudo o que sua forma física representava.

Esse conflito nos “agride” muito mais, enquanto espectadores, quando recorreremos à etimologia do nome dessa raça. Amazona, vocábulo geralmente utilizado no plural, Amazonas, do grego Ἀμαζών (Amadzón), significa “não (ter) seio”, ou seja, embora a arte grega não confirme esse fato, essas mulheres eram conhecidas pelo fato de não terem o seio

direito, o que melhor facilitava o manejo do arco e do dardo, e de apresentarem o seio esquerdo descoberto. Ao mesmo tempo em que arrancavam a sua sexualidade, pois sabemos muito bem que os seios, além de sua função primordial que é o aleitamento, é uma parte física utilizada para atrair o sexo oposto (a ênfase nesta parte do corpo fez com que atualmente, utilizando artifícios não naturais, as mulheres os aumentassem para se fazerem notar), tentavam resgatá-la através da exposição. A amazona, portanto, simboliza a situação da mulher que, ao portar-se como homem, não consegue ser aceita nem pelas outras mulheres, nem pelos homens. Na arte, as Amazonas são em geral representadas a cavalo, armadas de arco e lança ou com uma machadinha de dois gumes e escudo.

As Amazonas habitavam o Cáucaso e as fronteiras da Cítia, mas talvez, por causa da expansão, grega tenham se transferido para regiões mais distantes. Teriam, inclusive, fundado várias cidades, entre as quais Éfeso, na Anatólia. Elas só compartilhavam suas vidas com os homens nos inevitáveis momentos da procriação. Como o objetivo era gerar mulheres que seriam treinadas para a guerra, os filhos homens que porventura nascessem dessas uniões eram ora mutilados e utilizados em serviços inferiores, ora sacrificados.

Mas, voltemos a nossa pergunta inicial: contra o que elas lutavam?

Segundo a teoria do suíço Johann Jakob Bachofen, o amazonismo seria facilmente explicado pela teoria do Matriarcado, ou seja da existência de um poder, governo feminino, que teria acontecido nos primórdios e em diferentes lugares e que teria sido extinto pelos homens ao tomarem consciência de que eram superiores fisicamente e os verdadeiros responsáveis pela origem da vida, sendo da mulher o papel de simples receptáculo. O papel da mulher grega, como bem sabemos, teve funções bem definidas, com restritas exceções, principalmente no que se refere às questões religiosas, nessa sociedade patriarcal. O silêncio talvez tenha sido a melhor resposta para sobreviver, mas quando a alma não se deixa calar nascem as Amazonas. Teria sido então, para Bachofen, o amazonismo um estágio agressivo dessas mulheres, uma tentativa, talvez a última, de resgatar o domínio, não só sobre o outro ser mas principalmente sobre a sua própria existência.

Pouco falaram sobre elas, e o pouco ainda evidencia, e por isso a necessidade de ser dito, a supremacia masculina, do herói grego. Três vezes são citadas, como se, poeticamente falando, reforçasse o combate

interno/externo que travavam contra o seu próprio destino, anteriormente traçado e concretizado pelas irreduzíveis Parcas. Três rainhas Amazonas protagonizaram a luta contra três heróis gregos: a rainha Pentesiléia que, ao apoiar os troianos na guerra de Tróia, após a morte de Heitor, veio com suas guerreiras em socorro de Príamo, tendo sido ferida mortalmente por Aquiles, que se comoveu diante da beleza da rainha das Amazonas; a segunda, Hipólita, foi morta por Hércules, que tinha como um de seus doze trabalhos, o nono, para ser mais exata, capturar o cinturão² dessa rainha, que ia entregá-lo pacificamente, mas uma intervenção de Hera fez com que o herói acabasse por matá-la; a última das rainhas, Antíope, talvez tenha sido a mais fiel representante dos males do amor, da dor que só se extingue, como afirma Longo, autor do Romance grego *Dáfnis e Clóe*, quando se está perto do ser amado. Antíope foi raptada por Teseu ou foi dada a ele por Heracles como prêmio, provocando a ira de suas irmãs que ao invadirem Atenas travaram uma batalha que as levou à morte. A outra variante do mito diz que a guerra se deu pelo abandono da Amazona por Teseu, que a abandonou para se casar com Fedra, irmã de Ariadne. Seja qual for o motivo que extinguiu essa raça, não conseguiu retirá-las do nosso imaginário, nem do imaginário do explorador espanhol Francisco de Orellana que, ao descer pela primeira vez o rio que, em território brasileiro, se chamaria depois rio “das Amazonas”, afirmou que combatera uma tribo de mulheres guerreiras. Diz a lenda que as mulheres dessas tribos iam apanhar no fundo do rio, para dar a seus amantes, como presente, os mairaquitãs ou pedras verdes, símbolos da felicidade eterna.

Concluimos este artigo, pequeno como os relatos sobre as Amazonas, mulheres assassinas de homens, com a lembrança da deusa Ártemis, a arqueira virgem, que se tornou a protetora dessa raça que, para nós brasileiros, é tão conhecida, enquanto léxico, e ao mesmo tempo tão desconhecida, enquanto mito. Ártemis se identifica com as Amazonas sobretudo por sua vocação de guerreira e caçadora, manteve uma vida casta, diferente das Amazonas, mas não se negou a ajudar a quem não fez a mesma opção. Talvez, tenha sido esta a intenção de Hipólita (nome composto de *hýppos* - “cavalo” e *lýein* - “desatar”, significando “aquela que solta os cavalos ou os deixa ir”) ao dar o cinturão a Hércules, libertar aquelas que não fizeram a mesma escolha que a sua.

Encontramos-nos na mesma situação de Freud, e nos perguntamos: o que as mulheres realmente querem? Para nós parece muito claro que

elas só querem liberdade para fazer, querer ou não, mudar o quanto desejarem, serem donas dos seus corpos e das suas mentes. Complicado? Sim. Sobretudo em um mundo como o grego, onde a mulher é um objeto descrito pelo sujeito que a olha, o homem.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico- Etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, Vozes, 1991, vol.1.
- LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.
- PANTEL. Pauline Schmite (org.). *História das mulheres: a antigüidade*. Porto, Ed. Afrontamento , s/d.

NOTAS

- ¹ BRANDÃO, Junito. 1991, pág.480
- ² O cinturão de Hipólita, símbolo do poder de ligar e desligar, ao ser dado a Hércules formalizou a atitude de despojamento da sua posição de força e poder.